

ANPUH-Brasil - 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O HISTORIADOR ENQUANTO ARTISTA: QUADRINHOS DE SÉRGIO BONSON (1974-2005)

Emerson César de Campos
UDESC
emerson.campos@udesc.br

Michele Bete Petry
UFSC/USP
michepetry@yahoo.com.br

Resumo:

Neste artigo propomos uma análise de histórias em quadrinhos produzidas pelo historiador Sérgio Bonson (1949-2005). Para tanto, elenco como objeto de estudo a obra do artista, que atuou em Florianópolis (SC) no período de 1974 a 2005. Desenhista e aquarelista, autor de inúmeras charges e histórias em quadrinhos para jornais e exposições de arte, Bonson desenvolveu contatos e trânsitos no âmbito nacional e internacional. O foco da discussão se volta para um conjunto de HQs: local, com personagens da cidade e do cotidiano de Florianópolis. Historiador formado pela Universidade Federal de Santa Catarina, em 1972, enquanto artista, Bonson foi um autodidata. De Florianópolis vinham os cenários, os personagens e as histórias que apreendia e reapresentava em caricaturas, charges, cartuns, desenhos e aquarelas. O artista, na realidade, sempre teve relação singular com Florianópolis (SC) e buscou representar a presentificação dessa cidade e do seu cotidiano.

Palavras-chave: Sérgio Bonson. Histórias em Quadrinhos. Humor. Tradução Cultural. História do Tempo Presente.

Abstract:

In this article, We propose an analysis of comic books produced by historian Sérgio Bonson (1949-2005). For this purpose, I list as an object of study the work of the artist, who worked in Florianópolis (SC) from 1974 to 2005. Drawing and watercolorist, author of numerous cartoons and comic books for newspapers and art exhibitions, Bonson developed contacts and national and international transits. A historian graduated from the Federal University of Santa Catarina in 1972, as an artist, Bonson was a self-taught artist. From Florianópolis came the scenarios, characters and stories that he learned and re-presented in caricatures, cartoons, cartoons, drawings and watercolors. The artist, in fact, has always had a unique relationship with Florianópolis (SC) and sought to represent the presentification of this city and its diurnal.

Keywords: Sérgio Bonson. Comics. Humor. Cultural Translation. History of Present Time.

ANPUH-Brasil - 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Em seus desenhos, aquarelas e expressões gráficas de humor, Bonson imprimiu a marca do tempo presente, com os lugares e os acontecimentos que presenciava. Assim, por meio das relações que Bonson estabeleceu com lugares e artistas, é possível perceber o seu trânsito por diferentes meios, seja em busca de oportunidades profissionais, seja em busca de formação e de interlocução artística.

Sérgio Luiz de Castro Bonson (1949-2005) foi um artista plástico, caricaturista, chargista e cartunista catarinense, nascido na cidade Florianópolis, SC. Iniciou a sua carreira como chargista no jornal *O Estado*, no ano de 1974. Nesse momento, o artista capturava as sutilezas do cotidiano da cidade de Florianópolis, por meio de traços que viriam a se modificar no decorrer da sua trajetória artística, a exemplo dos desenhos de personagens que, a princípio, eram pouco estruturados e desconhecidos e que, depois, ganharam formas e identidades. Dentre eles, destacam-se Soiza, Waldirene e Henricão, um político radialista, uma empregada doméstica e um surfista, personagens das histórias em quadrinhos (HQs) que ele elaborou e que compõem as publicações dos livros *Waldirene, a AM*, de 1987, e *Tudo pelo Soizial*, de 1990.

Bonson, que se dedicava aos desenhos de humor, passou a trabalhar como chargista no *Jornal de Santa Catarina* e a atuar como *freelancer* nos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*, entre os anos de 1980 e 1985. Além disso, colaborou com o *Diarinho do Litoral*, *A Semana* e algumas edições dos jornais alternativos *Bernunça* e *Afinal*. Além das caricaturas, charges e cartuns que elaborou para esses jornais, Bonson possui uma coletânea de charges políticas publicada no livro *Bonson sem censura: 10 anos inticando com os reis do nhenhén*, de 1996, com textos e legendas de Eloy Gallotti, e diversas expressões gráficas de humor publicadas, em parceria com André Freitas, Frank Maia e Zé Dassilva, na revista de humor *4-3-3*, de 1997.

O termo “expressões gráficas de humor” (CAMPOS; PETRY, 2010) é utilizado para caracterizar o conjunto de desenhos que possuem como objetivo alcançar o humor, mas que se distinguem entre si por suas especificidades, a saber: caricaturas, charges e cartuns – e, no âmbito desse último, as tiras cômicas e as histórias em quadrinhos. A distinção entre caricaturas, charges e cartuns, incluindo as HQs, é apontada por Campos e Petry (2010).

ANPUH-Brasil - 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

[..] a distinção entre os três gêneros das expressões gráficas de humor reside na composição do que chamamos elementos centrais e categorias de análise. Os primeiros estariam colocados na escolha de representação: sujeito, situação e narrativa. Para a caricatura, o sujeito. No caso da charge, sujeito e situação. No que diz respeito ao cartum, sujeito, situação e narrativa. Quanto às categorias de análise, estas fariam referência ao tempo, à memória e ao discurso. Na caricatura, o discurso seria elaborado com intenção de culto e/ou sátira enquanto na charge e no cartum ele seria fundamentalmente satírico. No que se refere ao tempo e à memória, a dimensão do presente estaria colocada na caricatura e bem delineada na charge, diferentemente do cartum, em que poderia haver também a fusão do presente e passado [...] (CAMPOS; PETRY, 2010, p. 127).

Importa destacar, no entanto, os limites dessa abordagem, a qual está situada especificamente no campo da História. No referido trabalho, o objetivo foi o de investigar o uso das caricaturas, charges e cartuns como fontes de pesquisa para a História (PETRY, 2009) e essas expressões gráficas de humor foram compreendidas como “representações”: “Na medida em que estes gêneros portam discursos sobre tempos e memórias a partir de um amplo universo de signos, constituem-se em representações de realidades e consciências, individuais ou coletivas, presentes no processo histórico.” (CAMPOS; PETRY, 2010, p. 128). Contudo, hoje, o debate acerca do uso dessas imagens, mesmo no campo da História, se situa no campo das Teorias da Imagem, em diálogo com as discussões realizadas na área de História da Arte. Assim, embora os autores reconheçam a potencialidade da imagem e que a mesma não se apresenta como mera ilustração de um texto, por exemplo, neste trabalho o intuito não será o de avançar nessa discussão. Contornando as questões epistemológicas acerca das imagens, elas são recuperadas para apontarmos indícios das relações entre a produção do artista e os elementos local e global na sua trajetória.

Bonson compunha o Grupo de Arte Sete da Ilha, organizado em 2005, do qual também faziam parte o comunicador e escritor Alexandrino Barreto Neto; o professor, tradutor e escritor Alfredo Gentil Costa; o engenheiro, desenhista e pintor Átila Ramos; o publicitário e artista plástico George Alberto Peixoto; o médico e escritor Mário Gentil Costa (conhecido como Magenco) e o fotógrafo Sérgio Vignes, artistas esses que Bonson encontrava nas manhãs de sábado no calçadão da Rua Felipe Schmidt, no centro da capital. Por ocasião do seu falecimento em 8 de dezembro de 2005, o pintor e tapeceiro Luiz Carlos Albertini passou a integrar o “Grupo dos 7”, em substituição ao artista. Em 2006, o Grupo realizou uma mostra coletiva em homenagem póstuma a Bonson, na

ANPUH-Brasil - 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Assembleia Legislativa de Santa Catarina (ALESC), com alguns dos seus trabalhos e materiais utilizados por ele.

Em vida, Bonson apresentou a sua obra em exposições: em 2001, “Três Traços numa Ilha”, com charges de temas cotidianos realizadas por ele, Frank Maia e Zé Dassilva; em 2002, com charges publicadas no jornal *A Notícia* durante o ano de 2001, juntamente com os colegas de trabalho Sandro Luís Schmidt, Carlos Horn e Frank Maia; já em 2003, realizou uma mostra com sessenta charges sobre questões políticas e sociais publicadas durante o ano de 2002 no mesmo jornal; em 2005; participou do 1º Ciclo de Exposições do MASC: homenagem a Aldo Nunes e Jorge Ferro, organizado pelo Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), com a mostra “Cenas Urbanas”, em homenagem a Aldo Nunes, na qual ele pretendia mostrar o contraste entre a cidade moderna e a antiga. Bonson se colocou como contraponto à obra de Aldo Nunes sobre a cidade de Florianópolis, primordial cenário das suas pinturas realizadas em aquarela.

Bonson realizava as suas criações a partir do universo urbano, e mantinha o desejo de que as suas obras circulassem por ele. Esse desejo está relacionado, principalmente, à manifesta vontade do artista em ser um artífice da cidade e do seu cotidiano. Entre 2017 e 2018, a exposição “*Bonson revisitado: percursos*”, no Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC), permitiu recuperar esse aspecto e enfatizar os percursos do artista, tanto em relação à sua trajetória artística quanto em relação à sua produção propriamente dita. Assim, podemos observar que as exposições da obra de Bonson, ocorridas em Florianópolis (SC), foram dedicadas às expressões gráficas de humor e aos desenhos e às aquarelas da cidade, revelando que Bonson conciliava o duplo exercício artístico: a elaboração de desenhos e pinturas, por um lado e, por outro, a de charges e de histórias em quadrinhos.

Já no início da década de 1990, Bonson viajou à França em busca de interlocutores para o desenvolvimento do seu trabalho, bem como para a sua divulgação. A ideia dessa viagem surgiu por ocasião da vinda de um amigo brasileiro ao país, professor de Língua Portuguesa na cidade francesa de Nice, pelo qual Bonson tomou conhecimento da existência de uma cidade ao sul da França com o mesmo nome do seu sobrenome. Dessa forma, entre 1991 e 1992, o artista catarinense viajou para Village de Bonson, recebendo hospedagem franqueada pela Prefeitura da cidade e, a seu convite, em 1992, realizou uma exposição na Mairie de Bonson, com aquarelas feitas a partir de observação do local.

ANPUH-Brasil - 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Também nesse ano, Bonson fez aquarelas da cidade francesa de Roquesteron, realizando, posteriormente, uma exposição com esses trabalhos somados a uma série de paisagens marinhas de Florianópolis, desenvolvidos entre 1991 e 1994, da qual faz parte aquarela da Praia da Guarda do Embaú, município de Paulo Lopes (SC), distante cerca de sessenta quilômetros de Florianópolis.

Historiador formado pela Universidade Federal de Santa Catarina, em 1972, enquanto artista, Bonson foi um autodidata. Viveu parte considerável da sua vida imerso no intrincado cotidiano da capital catarinense, residente que era do centro da cidade, espaço por onde transitava sempre atento às paisagens, aos corpos e às falas. Segundo o próprio artista, o urbano era a sua fonte de inspiração. Dele vinham os cenários, os personagens e as histórias que apreendia e rerepresentava em caricaturas, charges, cartuns, desenhos e aquarelas. O artista, na realidade, sempre teve relação singular com Florianópolis (SC) e buscou representar a presentificação dessa cidade e do seu cotidiano. Nos seus desenhos, aquarelas e expressões gráficas de humor, Bonson imprimiu a marca do tempo presente, com os lugares e os acontecimentos que presenciava. Assim, por meio das relações que Bonson estabeleceu com lugares e artistas, é possível perceber o seu trânsito por diferentes meios, seja em busca de oportunidades profissionais, seja em busca de formação e de interlocução artística.

Soiza, Waldirene e Henricão

Um político radialista, uma empregada doméstica e um surfista são os três principais personagens criados por Bonson no decorrer da sua trajetória profissional. Soiza, Waldirene e Henricão apareceram inicialmente em cartuns diários nas páginas do jornal *O Estado* e, mais tarde, nas histórias em quadrinhos reunidas e publicadas em livros. A complexidade das relações estabelecidas entre eles foi bem elaborada por Bonson para representar o cotidiano da cidade de Florianópolis e as suas relações com o cotidiano de outros lugares, tendo em vista a inserção da capital em uma rota turística.

Para criar Soiza (Figura 1), por exemplo, como um locutor de rádio e político, Bonson afirma que a “inspiração veio dos programas Am, e do César Souza”. De fato, as histórias em quadrinhos demonstram que há uma referência direta entre Soiza e Souza, a começar pela caracterização do personagem. Embora Soiza não seja propriamente uma caricatura de Souza, ele possui características físicas e de personalidade semelhantes. O

ANPUH-Brasil - 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

topete do seu cabelo e a sua perspicácia política são duas delas. Enquanto César Souza inicia a sua trajetória como comunicador em emissoras de rádio, tornando-se político e, mais tarde, apresentador de programas na televisão, Soiza aparece nas histórias em quadrinhos de Bonson, exclusivamente, como locutor de rádio e político. A relação entre o rádio e a política é fundamental para que as histórias se desenrolem e isso por três motivos: o uso da emissora de rádio como o cenário principal das histórias em quadrinhos, em torno do qual todos os outros se articulam; o rádio enquanto veículo de comunicação é o elemento que leva os acontecimentos da vida pública à esfera do privado; e, por último, é também o rádio que aparece como um instrumento mediador e de poder nas relações estabelecidas entre os personagens.

Figura 1 – História em Quadrinhos de Bonson, com o personagem Soiza.



Fonte: Acervo pessoal do artista.

Compreendemos Soiza como um “sujeito de querer e poder”, que ocupa um lugar próprio, o de locutor e político, e Waldirene como aquela que não tem um lugar próprio em relação a ele (já que ser ouvinte é uma condição determinada pelo “ser locutor”) e que, por isso, se move em um território que não é o seu para assumir o lugar do outro, o daquele que escolhe as músicas a serem tocadas no rádio. Assim, podemos inferir que as atitudes de Soiza se configuram em “estratégias” para ganhar votos e ser eleito, enquanto as atitudes de Waldirene se apresentam como “táticas” para manipular a programação do rádio conforme o seu gosto. Por ocasião das eleições, Waldirene utiliza como tática os pedidos de músicas, enquanto Soiza os atende. Esse jogo de táticas e estratégias, travado na guerra cotidiana entre Soiza e Waldirene, também pode ser percebido entre Waldirene e D. Luci, a sua patroa.

Personagem criada na década de 1980, “Waldirene, a empregada doméstica, é simplesmente a luta de classes e o universo cultural em que ela se dá”, conforme afirma

ANPUH-Brasil - 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Bonson (2004). Uma análise sobre as histórias em quadrinhos que trazem Waldirene (Figura 3) como personagem principal permite observar as relações de poder e a cultura popular a que Bonson se referia. Ouvinte assídua de Soiza, Waldirene é apresentada por Bonson no ambiente de trabalho, sempre próxima ao rádio. Nas histórias em quadrinhos de Bonson, Waldirene assume o lugar da crítica ao sistema capitalista e, por extensão, às relações de trabalho que são características do caso brasileiro, mas também de outros países. Ela aparece como a empregada doméstica que se contrapõe à ordem estabelecida, mobilizando diferentes recursos para isso, dentre os quais está a consciência de si e do outro. Waldirene se reconhece como a empregada doméstica e reconhece D. Luci como a patroa que a explora. Também se reconhece como fã de Amado Batista e Wando, enquanto reconhece D. Luci como fã de Wando. A partir da consciência de classe e mesmo do gosto musical, Waldirene cria as suas estratégias para driblar a ordem estabelecida.

Figura 2 – História em Quadrinhos de Bonson, com a personagem Waldirene.



Fonte: Acervo pessoal do artista.

A condição ideal de trabalho para Waldirene é aquela que permite vingar a exploração de D. Luci e, talvez por isso, ouvir Amado Batista no seu ambiente de trabalho seja imprescindível para que o contrato entre as partes seja firmado. É provocando a

ANPUH-Brasil - 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

patroa por meio das atitudes mais simples e cotidianas que Waldirene inverte a relação de poder. Assim, é possível eleger a música como o elemento chave da leitura sobre as histórias em quadrinhos de Bonson que trazem Waldirene como personagem central, uma vez que ela determina a presença de duas classes sociais opostas: a dominante, associada ao gosto por músicas clássicas e internacionais; e a dominada, ligada ao gosto por músicas populares consideradas bregas. O “brega”, aliás, é um termo que emerge como um estilo musical no Brasil a partir da década de 1960, com a Jovem Guarda (da qual fazia parte a cantora Anabel Fraccchio, conhecida como Waldirene, que talvez tenha inspirado Bonson a nomear sua personagem, já que o nome “Waldirene, a AM” também remete à característica brega da personagem), marcado pelo estigma do mau gosto e do pertencimento à cultura popular.

De qualquer forma, a única estratégia capaz de trazer a patroa para a negociação com Waldirene é a música. Se toda tática é determinada pela ausência de poder, Waldirene faz pequenos movimentos de resistência no seu cotidiano por meio dos quais assume o papel de protagonista e de vencedora das disputas na história. Assim, Bonson investe na perspectiva da contestação de Waldirene, por meio das ações no dia a dia, e realiza a inversão de papéis na luta de classes. Isso, de certo modo, atualiza a sua obra e a coloca no século XXI, quando se vive um regime político democrático, porém no qual os embates de poder se travam talvez não mais de modo tão velado. Dessa forma, é possível compreender Waldirene e D. Luci como personagens que se movimentam estratégica e taticamente na esfera da vida privada. Trocar votos por músicas bregas, xingar, ameaçar, demitir ou não realizar as tarefas domésticas são algumas das ações desses personagens que também fazem uso de “frases imprevisíveis num lugar ordenado pelas técnicas organizadoras de sistemas”, como bem lembra Certeau (2004, p. 97).

Outro personagem das histórias em quadrinhos de Bonson que sempre procura burlar a ordem estabelecida é Henricão (Figura 4), conhecido dos leitores das histórias em quadrinhos de Bonson também desde a década de 1980. Ao longo dos anos, o personagem se transformou fisicamente, porém as características da sua personalidade e do seu modo de vida continuaram as mesmas. Filho de D. Luci, Henricão transita entre o ambiente privado e o público, em casa é acomodado e na rua é um surfista interessado na vida boemia, praia, sexo e drogas. É possível que Bonson tenha criado esse personagem como um estereótipo dos surfistas da Ilha que, naquele período, frequentavam a Praia da

ANPUH-Brasil - 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Joaquina, bastante conhecida por suas ondas fortes e pelos campeonatos internacionais de *surf*.

Figura 3 – História em Quadrinhos de Bonson, com o personagem Henricão.



Fonte: Acervo pessoal do artista.

A caracterização desse personagem é particularmente interessante, pois Bonson faz uso de uma linguagem característica dos surfistas, a língua estrangeira, nesse caso, o inglês. O uso desse idioma entre os surfistas está ligado tanto ao caráter internacional do esporte praticado quanto pela entrada de uma nova cultura na cidade. Trata-se da marca de um tempo, situado precisamente no final da década de 1980, no qual é possível perceber, em Florianópolis, os desdobramentos de uma série de transformações ocorridas entre a década de 1950 e 1970, seja na paisagem da cidade (pelo novo cenário urbano), seja nas práticas do cotidiano (pelos novos personagens). Henricão é um desses novos personagens que surgem no cotidiano híbrido da cidade de Florianópolis e que Bonson procura apreender nas suas histórias em quadrinhos.

O cotidiano, em sua densidade sociocultural e política, é apresentado nas histórias em quadrinhos elaboradas pelo artista, e quaisquer cartografias, por mais incipientes, podem bem indicar isso. Para além dessa materialidade do trabalho de Bonson, fica explicitado nele também as construções identitárias florianopolitanas, mais visíveis (mas não somente) nos três personagens criados por Sérgio Bonson: Henricão, Soiza e Waldirene, e que podem dizer, também, de narrativas históricas sobre o cotidiano e as urbanidades de outras cidades e sujeitos. A partir da análise dessas duas séries, buscamos destacar como o local e o global se articulam a agenciam artefatos da cultura e das experiências próprias ao tempo presente.

ANPUH-Brasil - 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1987.

CAMPOS, Emerson César de; PETRY, Michele Bete. Histórias desenhadas: os usos das expressões gráficas de humor como fontes para a História. **Fronteiras**, Florianópolis, v. 1, p. 1-18, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CHARBONNIER, Stéphane. **Pequeno tratado da intolerância**. Tradução de Jorge Bastos. São Paulo: Planeta, 2015.

IBGE. **Florianópolis**. Rio de Janeiro: IBGE Cidades, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/florianopolis.html>. Acesso em: 18 fev. 2021.

MARTINS, Celso. [Entrevista cedida a] Emerson César de Campos. Florianópolis, 8 abr. 2018.

PETRY, Michele Bete. **Entre desenhos, aquarelas e expressões gráficas de humor: a cidade e o cotidiano de Florianópolis (SC) na obra de Sérgio Bonson**. Florianópolis, 2011. 177 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2011. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PHST0413-D.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2021.